

George Orwell e a "iluminação profana"

Luciana Lamblet Pereira¹

Resumo: As Guerras Mundiais, os fascismos, o stalinismo, a Guerra Civil Espanhola e todas as demais experiências vivenciadas por George Orwell estão fortemente impressas nas suas obras. Seus livros e artigos denunciam, revelam, propõem, questionam e nos fazem questionar. Desta forma, nos ajudam a compreender as angústias, lutas, medos e desencantos que permearam a Europa da primeira metade desta que ficou conhecida como a “Era dos Extremos”.

Palavras-chave: Autoritarismo, Desencanto, Literatura

Abstract: The Word Wars, the fascism, the stalinism, the Spanish Civil War and all the other life experiences lived by George Orwell are strongly represented un his literary work. His books and articles claim, reveal, propose, quest and make us quest. This way, they help us understand the anguishes, fights, fears and disappointments that were present I Europe in the first half of the century which is known as the “Extreme Era”.

Key Words: Authoritarianism, Disappointment, Literature.

O Longo Século XX

Não é por acaso que o século XX tem levado consigo diversas adjetivações: ele pode ser um breve século, uma era de extremos, o tempo das certezas, das crises e das dúvidas. Talvez todos estes adjetivos sejam convenientes para o período. Talvez todos, de certa maneira, contribuam para a compreensão de um século palco de uma guerra de trincheiras como jamais vista, de uma crise econômica que deixou milhares de famintos e desempregados pelo mundo a fora, da ascensão de regimes nazifascistas. Foi o século da invenção da bomba atômica e que contabilizou 60 milhões de mortos em uma guerra. Um século marcado por décadas de um regime que pretendia ser a alternativa e a superação do capitalismo, que trouxe esperanças em uma revolução mundial, onde o operariado do mundo inteiro unir-se-ia para a construção do comunismo. E foi neste mesmo século que este mesmo regime se transformou em autoritarismo, incerteza e descrença.

Foi o século de Roosevelt, De Gaulle, Stalin, Lênin, Hitler, Mussolini, Franco, Salazar, Gandhi, Che Guevara, Mao, Fidel Castro, Churchill. Personagens da História hoje bastante conhecidas e biografadas. Muitas vezes estampadas em camisetas e até mesmo desfilando seus rostos nas passarelas do “mundo fashion”. Mas foi também o século dos

¹ Doutoranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense.

milhares de operários e camponeses que não cruzaram os braços e lutaram pôr e pelo que acreditavam, milhares de estudantes que foram às ruas, organizaram passeatas, protestando contra regimes autoritários e ditatoriais, milhares de colonos que pegaram em armas, conquistaram a sua independência, ainda que muitas vezes permanecessem na dependência informal.

Foi um século com trilha sonora: ao lado dos sons das metralhadoras, das bombas e canções revolucionárias, havia o jazz dos negros americanos e o polêmico e transgressor rock'n roll nas suas mais diversas variantes. Do novo som vindo dos meninos de Liverpool à voz inconfundível e marcante de Janis Joplin. Por aqui, muito samba e uma faceira Bossa Nova que viajou pelo mundo fazendo os gringos dançar.

Foi o século das dicotomias: socialismo X capitalismo; autoritarismo X democracia; liberalismo X intervencionismo estatal; independência X colonialismo.

Um século, como não poderia deixar de ser, que suscita incontáveis debates e discussões. Ano após ano, centenas de trabalhos acadêmicos são lançados nas livrarias com temas variados, com recortes temporais e espaciais dos mais diversos. Contudo, ainda há muito o que explorar e estudar sobre o período. Podendo ser adjetivado, dentro desta perspectiva, como um longo século XX.

O século XX nos deixou um legado de relatos, reportagens, imagens e obras literárias que, dialeticamente, são produtos e produtores deste século. Influenciaram e foram influenciados por toda esta avalanche de processos revolucionários, guerras, regimes ditatoriais e instabilidades.

Este trabalho é o início de uma caminhada que propõe analisar algumas destas produções. Uma tentativa de olhar para o século XX através das obras de um intelectual inglês e contribuir para o entendimento desta “Era”.

Sartre atribui aos escritores a função de fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele. E é esta exatamente isto que Orwell faz em suas obras: lembrar a todo instante que somos agentes históricos do nosso tempo.

As Lutas de Orwell

“Cada linha de trabalho sério que escrevi desde 1936 foi escrita, direta ou indiretamente, contra o totalitarismo e a favor do socialismo democrata, da forma que eu o entendo. Parece-me absurdo, num período como o nosso, pensar que se pode evitar escrever sobre esses assuntos. Todo mundo escreve sobre eles de uma forma ou de outra. É apenas uma questão de que lado tomar e de que abordagem adotar.” (Orwell, 2005: 28)

Nascido Eric Arthur Blair, filho de um alto funcionário da marinha inglesa, George Orwell passou os primeiros anos da sua infância na Índia, local no qual seu pai se estabelecera para contribuir na defesa do Império Britânico – aquele onde o sol nunca se punha. Ainda criança, Orwell foi para Inglaterra e cursou seus primeiros anos na Academia de Eton, destinado aos filhos de famílias britânicas abastadas.

Aos dezenove anos, entrou na Polícia Imperial Britânica. Os horrores que o jovem Eric Blair presenciou na Índia e na antiga Birmânia, frutos do imperialismo inglês, fizeram com que desertasse e voltasse à Europa, renunciando à fortuna da família e até ao próprio nome, adotando o pseudônimo George Orwell.

Foi a Paris, mas não a Paris dos cafés e boulevards. Conheceu lugares da “Cidade da Luz” nem tão iluminados assim. Disfarçou-se de mendigo, trabalhou em fábricas e viveu ao lado dos operários franceses. Voltou a Inglaterra e atuou como professor primário, vivendo em condições precárias junto aos trabalhadores do norte do país. Estas experiências lhe revelaram uma face do capitalismo que ainda não vivenciara: a opressão, a miséria e a desigualdade.

Em 1936 George Orwell parte para a Guerra Civil Espanhola sem ter conhecimento das disputas internas do campo republicano. Sua entrada no P.O.U.M. foi muito mais fruto das circunstâncias que uma escolha ideológica.

No front, acostumado como estava com a disciplina e o desenvolvimento bélico da Polícia Imperial Britânica, fica surpreso com o amadorismo e a precariedade das armas milicianas.

Quando de folga em Madrid, vê as tensões entre os milicianos do P.O.U.M., CNT – FAI e os comunistas se acirrare. Um enfrentamento era latente. Assim, Orwell se encontra em meio a uma disputa da qual nem tinha conhecimento e é chamado para pegar novamente em armas. Agora, não mais contra as tropas franquistas, mas para combater setores da própria Frente Popular.

Orwell assiste às prisões, perseguições e censuras impostas pelos comunistas. Uma verdadeira caça às bruxas inicia-se no coração da Espanha. Nos jornais britânicos e espanhóis, as manchetes denunciavam uma suposta aliança secreta entre Franco e as milícias do P.O.U.M.. A revolta que Orwell desenvolve pela imprensa é compreensível para alguém que viu jovens morrerem e outros tantos arriscarem as suas vidas para lutar contra as tropas de Franco e pela revolução e que agora eram taxados de traidores da causa republicana e revolucionária.

Foi com o objetivo de denunciar as mentiras dos periódicos e as atrocidades cometidas pelos comunistas, que Orwell escreve a sua *Homenagem a Catalunha* (1938), que é, na verdade, uma homenagem aos milicianos, em especial, do P.O.U.M.. Na bagagem de volta a Inglaterra, o autor adicionou ao anti-fascismo uma forte pitada de anti-stalinismo, o que marcará todas as suas obras posteriores, especialmente aquelas que o tornariam internacionalmente conhecido: *A revolução dos Bichos* e *1984*.

O horror, o ódio, a morte. O fim de vidas. De várias vidas. As trincheiras, as doenças, o medo. O fuzil, a barricada, os tiros, a granada. A mentira, a intolerância, o desprezo pelo outro, pelos outros, por todos os outros. O interesse mesquinho, o meu, o seu, o nosso e só nosso. Qual o sentido? O que vale a pena? O que é o bom? E o que é o ruim? Quando todos os sentimentos se encontram e disputam e brigam e armam barricadas, pelo o quê vale a pena lutar? Pelo quê vale a pena morrer? Estes são os temas centrais da obra orwelliana.

Literatura e Experiência

A literatura é um sistema verbal de procedimentos e técnicas, que constrói uma história que não é o real em si. É ficção e não é fato. Portanto, é necessário descobrir e analisar como o externo se tornou interno e qual a forma foi dada à sociedade. Em outras palavras: o que o autor fez com o material que o real lhe deu? Assim, é essencial compreender como os elementos exteriores foram selecionados, reduzidos e estruturados esteticamente.²

Afinal, como nos lembra Lukács, narrar é diferente de descrever, pois o significado é sempre produzido, nunca simplesmente expresso. E, portanto, nenhuma expressão (relato, descrição, quadro, literatura) é natural. Nenhuma expressão é o meio pelo qual a realidade “flui”.

A idéia, portanto, é fundir texto e contexto dentro de uma perspectiva dialética, percebendo que, tanto os fatores externos, quanto a estrutura e conteúdo dos textos se combinam. Não estão separados, ao mesmo tempo em que não são idênticos. Isto porque a realidade social não é vista como causa e o texto daí derivado, como sua consequência direta e imediata.

² - Com isto, pretendemos afirmar que as obras literárias possuem certa liberdade em relação a realidade. No dizer de A. Candido: há um “quinhão de fantasia”. Talvez a melhor definição desta relação entre o artista e o meio esteja na seguinte passagem de Sainte-Beuve, citada por Candido: “O poeta não é uma resultante, nem mesmo um simples foco refletor; possui o seu próprio espelho, a sua mônada individual e única. Tem o seu núcleo e o seu órgão, através do qual tudo o que passa se transforma, porque ele combina e cria ao devolver à realidade”. (apud. Antonio Candido, 1976: 18)

Ao mesmo tempo, é importante superar a ainda presente dicotomia entre a produção cultural e a vida social material, entre idéias e realidade material, que leva a um pensamento idealista e abstrato da literatura. A literatura é constitutiva das relações materiais e é preciso pensar os autores e sua obra dentro de uma totalidade histórica. Perceber, afinal, que a consciência e seus produtos – as idéias – são parte do processo social material humano.

A arte e a estética são formas de conhecimento. Em carta a M. Harkness, Friedrich Engels afirmou que o “triunfo do realismo” de Balzac permitiu-lhe compreender a ascensão da burguesia francesa sobre a sociedade dos nobres melhor do que todos os escritos econômicos, historiográficos e estatísticos da época.

Marx percebeu que, ainda que não compromissada com uma suposta veracidade, a literatura é capaz de revelar movimentos que regem as relações humanas. E vê também na “Comédia Humana” de Balzac uma excelente obra para compreender melhor o contexto francês e as estratégias e instrumentos de dominação de uma classe sobre as outras.

Por fim, o importante é não separar o que é indissolúvel: as forças produtivas, os regimes políticos, as artes, as ideologias, as linguagens, as religiões, as condições econômicas e materiais. É claro que todos estes elementos têm as suas especificidades, mas não são áreas estanques de uma determinada sociedade. Não são, portanto, conceitos abstratos e compartimentados, mas sim processos constitutivos de um dado contexto histórico, intercambiáveis e sujeitas a ações recíprocas.

E é em uma totalidade permeada de conflitos e contradições que as obras de Orwell se inserem. Se estão ali, presentes naquela realidade, não foram elas locais de refúgio ou de exceção. Foram sim espaços de reflexão e “iluminação profana”.

A “Iluminação Profana” de George Orwell

“O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.” (CALVINO, 1990: 150)

George Orwell escolheu a segunda maneira de não sofrer. E não aceitou o inferno. Viu nas suas ações e obras a maneira de arriscar reconhecer, preservar e abrir espaço para o que não é inferno. Decidiu então lançar luz e profanar o real.

Penso a obra de Orwell como uma obra engajada, visto aqui no sentido de um compromisso. Um compromisso, assumido pelo escritor, com a realidade social e com a coletividade. Ou seja, o autor de forma consciente, ativa e aberta, escolheu uma posição.

Bakhtin afirma que toda palavra está carregada de conteúdo e sentido ideológico ou vivencial; e de que não é ela que constitui a personalidade interior, mas que é constituída por esta última. A língua seria, neste sentido, a materialização objetiva das motivações subjetivas e intenções do autor. Portanto, a linguagem e a arte em geral, são sociais por natureza e isto independe do grau de consciência que o artista e o público possuem sobre esse processo. Como afirma Jean-Paul Sartre: uma “obra só será totalmente gratuita se conseguir ser totalmente inumana”. (SARTRE, 2006: 100)

A diferença aqui, no entanto, é que para Orwell este “carregamento”, esta objetivação é consciente e proposital. E é exatamente isto que o torna escritor engajado.

Portanto, toda obra é de alguma forma engajada, no sentido em que há nela uma determinada visão de mundo e que ela dá forma e sentido ao real. O que é o mesmo que dizer que todo o autor atribui à sua obra certa finalidade e que não há neutralidade na literatura. No entanto, a literatura engajada é aquela que aproveita o seu espaço para emitir opiniões e intervir no debate sócio-político: o escritor aqui entende participar diretamente e plenamente deste debate.

Desta forma, assim como a linguagem das produções de Orwell são pensadas em sua construção formal e estética, também o são no seu sentido social e político. A literatura deste autor não é pensada como um fim em si, mas como um meio ao serviço de uma causa, uma idéia, uma construção. O autor percebeu-a enquanto uma iniciativa, uma literatura da participação. E o ato de escrever se tornou um ato público, no qual empenham a sua responsabilidade.

Em síntese, Orwell, sem abrir mão da luta cotidiana, fez de suas obras o lugar da crise, da resistência e do conflito. Sem confortavelmente pacificar e integrar o real, o autor procurou fazer de sua literatura e prática política uma resistência “à roda viva que sempre de novo está a mirar o peito dos homens” (ADORNO, 1991: 55).

Ao mesmo tempo, os textos de George Orwell estão marcados por um certo desencantamento do mundo que foi, ao mesmo tempo, um impulso criativo para as suas obras. Isto levou o autor a se manifestar não de uma forma unidirecional, mecânica, mas muitas vezes ambígua e com uma enorme complexidade, dando forma aos conflitos e contradições presentes no século XX.

Este desencanto seria fruto de variadas perspectivas sociais e pessoais frustradas, num tempo de crise marcado pelos regimes autoritários, pelas guerras, crises econômicas e desigualdades sociais. Haveria, assim, certa desilusão com o não cumprimento das promessas de felicidade feitas pelo capitalismo e que tão pouco foram realizadas pelo socialismo soviético.

Seria perceptível nas obras uma espécie de mal-estar, um desconforto e uma estranheza em relação à sociedade em que o autor vive e em relação à própria condição humana.³

Edward P. Thompson no livro *Os Românticos* afirma que os escritores Wordsworth e Coleridge apresentavam-se desiludidos com os rumos tomados pela Revolução Francesa. Desta desilusão surge um conflito entre a aspiração por liberdade, igualdade e fraternidade e a realidade produzida pela Revolução. Haveria aí uma tensão onde estariam presentes a apostasia e o desencanto e que seria, ao mesmo tempo, o impulso criativo dos escritores. Nas palavras de Thompson:

“Não há nada no desencanto que seja hostil à arte, mas quando se nega ativamente a aspiração, aí estamos à beira da apostasia e a apostasia é um fracasso moral e um fracasso imaginativo” (THOMPSON, E. P., 2002: 56)

No caso de Orwell, também haveria uma desilusão e uma tensão mergulhada na apostasia e no desencanto. No entanto, diferente dos escritores analisados por Thompson, ele não negou a aspiração e não se rendeu a apostasia. Não negou a si mesmo a possibilidade de uma ação política que levasse à sociedade desejada. Ao contrário, nos dizeres de Benjamin e Adorno, organizaram o pessimismo, expuseram o negativo, na tentativa de construir e fazer acreditar em uma alternativa possível.

Esta seria a grande tensão da obra de Orwell: o conflito entre o desencanto e a crença na construção de uma outra sociedade. Reside aí, também, a principal causa de sua complexidade.

³ - Freud que, completou o texto *O mal-estar na civilização* em 1931, já sob a ameaça nazista, desvenda fatores que colaboram para o nosso intento neste trabalho. Em uma passagem da obra supracitada ele afirma: “A questão fatídica para a espécie humana parece-me ser saber, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição. Talvez, precisamente com relação a isso, a época atual mereça um interesse especial. Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle, que, com sua ajuda, não teriam dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disso, e é daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade.” (FREUD, 2006: 147)

Conclusão

Livros, artigos, ensaios e peças de teatro estabelecem vínculos com o real, com as consciências, idéias e ideologias de uma época. Ou seja, as obras impregnam-se de um determinado contexto, de um determinado meio social. Não estão separados do mundo, não são o mundo em forma de palavras, mas constituem este mundo. E formam, com isto, um elemento fundamental para melhor compreendê-lo. As contradições e os conflitos presentes nas obras Orwell não deixam de estarem presentes também na sociedade em que vivia.

Por mais que pareçam originais, ou até mesmo revolucionárias, as obras produzidas por uma época contém as influências dos sistemas e instituições existentes, assimilando, por vezes parcialmente, as suas formas, práticas e abordagens ideológicas. Orwell não estava “fora de lugar” ou “à frente”. E por isto mesmo, utilizara os seus escritos como forma de colaborar para a elucidação dos problemas sociais que encontrava.

É uma literatura enquanto forma de conhecimento crítico e negativo do real porque escolhera, no dizer de Benjamin, o romper com o olhar acostumado e adotar o que o autor denominou como iluminação profana. Ou seja, Orwell optou por olhar para o real e não pacificá-lo, não naturalizá-lo e, acima de tudo, não aceitá-lo como um fim em si mesmo.

O escritor apresenta à sociedade as suas críticas a ela mesma, procurando tirá-la da ignorância, da apostasia e do conformismo. Com isto, ele oferece à sociedade o que Sartre chama de uma “consciência infeliz”. A percepção é “desautomatizada”, ou seja, a escrita causa estranhamento e tira da banalidade. Nas palavras de Adorno:

“A obra de arte engajada desencanta o que só pretende estar aí como fetiche, como jogo ocioso daqueles que silenciariam de bom grado a avalanche ameaçadora, como um apolítico sabiamente politizado.” (ADORNO, 1991, P. 51)

Neste sentido, as obras de Orwell estão assentadas em um duplo aspecto: da negativa e da construção. Uma não pode ser entendida separada da outra. Bem como ambas se misturam com as experiências e os contextos histórico e social vivenciados pelo autor.

Bibliografia

ADORNO, Theodor W. *Notas de Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991. 2ª Ed. Coleção Biblioteca Tempo Brasileiro – 36.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2006. 12ª Ed.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I – magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CANDIDO, Antonio. *O Discurso e a Cidade*. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, 2004. 3ª Ed.

_____. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

DENIS, Benoit. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. São Paulo: EDUSC, 2002.

FREUD, Sigmund. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. Volume XXI.

ENGELS, F. e MARX, K. *Sobre Literatura e Arte*. São Paulo: Global Editora, 1979.

LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre Literatura*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1968. 2ª Edição.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da Economia Política*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. 3ª Ed. Coleção: Os Economistas.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* São Paulo: Editora Ática, 2006. 3ª Ed.

ORWELL, George. *Dentro da baleia e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

THOMPSON, Edward P. *Os Românticos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade – 1780-1950*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1969.

_____. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.